

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração—Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Enc. telegr. Telheta—Lisboa • Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Nós, o governo e os senhores

Em presença das amarguras do inquilinato e do desalento dos senhores, que pensa o governo fazer do práctico para dar saída a uma situação como esta em que vivemos e que se não pode prolongar? Parece que cousa nenhuma. No parlamento não tem ultimamente pósto os pés os membros do governo; e se algum lá apparece, de pasta sob o braço, outros assumtos o preocupam, que não esta insignificante questão do inquilinato. Uma insignificante questão a que andam ligados os interesses de perto dum milhão de pessoas. Na imprensa afecta ao governo nada se diz também de positivo a respeito do caso, e só do longo umas larchas veem impressas, para illudir papalvos. Será portanto certo que não pensa a gente do poder em fazer alguma cousa, mas de práctico e urgente, para dar a melhor das soluções a um conflito que o impudor dos proprietários suscitou e a natural irritação dos inquilinos procurará resolver de qualquer forma? Isso indicam, pelo menos, as apparencias. Mas o governo interveio já na questão. Foi há dias, apenas. O governo interveio, proibindo o somcio que o operariado de Lisboa organizára como um prelúdio da sua defesa. O governo impediu essa defesa, aventando pretextos de tal maneira tolos que o talbo de esquadra se envergonhava de apresentá-los. Este seu acto denunciou-o. Denunciou-lhe a simplicidade com os saltadores do prédio, como outros gestos denunciaram a sua simplicidade com os saltadores do pão ou com os saltadores da luz. Proibido o somcio operário, perpetrada esta infâmia no evidente intuito de amordaçar o inquilinato, o governo afastou-se. E não se sabe hoje, não há maneira de saber se elle projecta tomar quaisquer medidas, radicais e urgentes, para pôr cõro a uma roubalheira indigna, que as vítimas, aliás, não estão dispostos a suportar mais tempo.

E' público que se pensa numa nova loi do inquilinato, e é notório que se trata de arranjar uma comissão para elaborá-la. Lérias. A medida, do conhecido género paliativos ou «caninhos quentes», tam do agrado do governo, não possuindo a qualidade de produzir seus frutos com a urgência que no caso se requer, por isso que as comissões estão para os problemas a resolver

Notas e Comentários



—Venho incomodadíssima. No carro eléctrico, em que vinha agora, o guarda freio embriou com um carro-cão ou com o carro-cão embriou com o guarda-freio, e vá de se descompretem, num tiroleiro de inconveniências e obscenidades, vexando as senhoras e sem respeito pelas crianças que vinham no carro.

—Oh! minha senhora; mas isso é o pão nosso de cada dia. O palavrão está sempre na boca do português. Olhe: no Brasil, quando na rua se ouve uma obscenidade, aposte-se logo: 'E' português. E ganha-se sempre.

—Dá-me razão. O nosso povo é muito malcriado. Na rua, na praça pública, quando se passa junto de um grupo de populares, é fazer ouvidos de mercador. E' um povo sem educação. Um país de analfabetos, sem escolas.

—E' porque a senhora não frequenta os cafés, as redacções dos jornais, os clubs chics... Se a senhora os frequentasse, ouviria proferir-se também as mesmas obscenidades a esmo. E' esses não são analfabetos; foram educados nessas escolas cujo pequeno número a senhora tanto lastima. Em Portugal toda a gente, gente de todas as classes, fala mal. Os palavrões chegaram já ao parlamento. Fazem, por assim dizer, já parte do lexicon português, da lingua official.

—Ah! Mas é preciso declarar guerra ao palavrão, guerra à obscenidade. É preciso encetar-se uma forte campanha contra a má lingua. É preciso reprimir a linguagem desproada.

—Não há dúvida. E para corrigir tam mau hábito, um único meio existe...

—Perseguir inexoravelmente, castigando com rigor, os que offenderem com palavras a moral pública. Mas se a policia dorme...

—A policia? Mas se ela também é mais malcriada que um carro-cão ou um condutor da carris, malcriados! A policia? Mas ela também usa o palavrão, na rua, em serviço, e em casa, com a mulher e com os filhos?

—Isso será verdade. Mas não obsta a que sejam presos os que proferirem obscenidades no meio da rua.

—Não, minha senhora. Quer saber porque o povo português é, assim, mal educado? E' porque os professores, como a senhora, querem, á viva força, que os policias os substituam.

—Como?

—Eu me explico. A verdadeira policia dos costumes, numa sociedade, é o professorado. Sim; os professores é que cumpria essa tarefa de repressão da má lingua e de outros maus costumes. Os professores, porém, que, em regra, são tam mal educados como o povo, não sabem ou não podem cumprir a sua missão de moralizadores dos costumes e relegam então á policia que são incompetentes para fazer. Educando, educando, senhora professora, é que se conseguirá reprimir a má lingua.

—Sim. O senhor tem razão. Mas temos tanta falta de escolas...

—Mais falta temos de bons professores, senhora professora!

Contra os senhores gananciosos

Um senhorio que não quer ganhar muito dinheiro...

Camarada redactor.—Como eu tenho acompanhado sempre a questão do inquilinato e como vejo que é só este jornal que defende os oprimidos, venho por este meio lavar o meu protesto contra a ganância de um explorador que tem um prédio na rua da Mouraria, n.º 65, com quatro andares e loja. Calcule que esse ganancioso, que tem a loja alugada por 16\$50, pretende elevar a renda em 50\$00 escudos por mês, passando o primeiro andar, que pagava 10\$00 escudos, a pagar 25\$00; o segundo de 9\$50—e vinha no recibo apenas 6\$50—para 25\$00; o terceiro de 9\$50 para 25\$00, e o quarto de 9\$50 para 25\$00, sendo ainda dividido ao meio, o que representa uma renda real de 50\$00. Por aqui se vê a pequena roubalheira que aquele senhor pretende fazer aos seus inquilinos.

Como estes não estão dispostos a pagar tal exorbitância, declararam isso ao senhorio, respondendo elle que se não pagassem a bem, obrigá-lo hia a sair á força, chegando mesmo a provocar os inquilinos.—Alfredo António Rodrigues.

Senhorio astucioso

Há dias publicou este jornal uma noticia na qual se verberava o procedimento do sr. Carlos Lima, proprietário e antigo merceiro da rua Nova da Piedade, 21 e 23, dono de diversos prédios, noticia em que se citavam os aumentos que pretendia fazer aos seus inquilinos.

O sr. Lima ficou furioso com o que disse, respeitante ao seu prédio da rua Manuel Bernardes, 55, e recebeu aumento duns inquilinos, enviando os recibos com a renda antiga áquelle que lhe não quizeram pagar o aumento.

Este senhor é procurador dum prédio propriedade duma velhota, na mesma rua, n.º 52, e aumentou 50 por cento a todos os inquilinos. As reclamações que lhe fizeram, respondeu que a velhota é que ordenava os aumentos e que elle nada ganhava como procurador. Nada ganha, mas parece que espera adquirir o prédio no testamento ou dedicadamente tratar a velhota como tratou um parente vindo do Brasil e que nada lhe deu.

Para se ver a força deste explorador e velho D. Juan, basta dizer que há dias teve uma conferência com o senhorio do seu estabelecimento, incitando-o a que aumentasse as rendas aos inquilinos e á disse que espera pela nova lei para pôr na rua todos os moradores das suas propriedades.

Vida cara e difícil

Venda do açúcar

Além dos doze postos de venda de géneros e dos oito Armazéns Reguladores que são já conhecidos do público e que abaixo são descritos, a Província da Assistencia abriu ontem mais dois, sendo um na Cozinha de Santa Engrácia, na Calçada dos Barbadinhos, e outro no de Arroios, no Largo do Leão. Além dos outros géneros como: massa, feijão branco e grão, vendem-se nos armazéns e postos de venda os seguintes pacotes de meio quilo de açúcar ao preço de 2\$5.

Armazéns reguladores: Rua Santa Marta, 720 pacotes; Campo de Santa Ana, 720; Terreiro do Trigo 720; Visconde de S. Ambrósio, 720; rua das Praças, 720; Calçada da Pampulha, 720; rua de D. Vasco, 960; e Lumiar 720.

Pontos de venda: Mercês, 300; Campo de Ourique, 300; Santa Lúcia, 300; S. Christovão, 300; Alto do Pina, 300; S. Vicente, 300; Bemfica, 300; Caridade, 300; Beato, 300; Santos, 300; Paulistas, 300; Pena, 300; Santos-o-Velho, 300; Santa Engrácia 300; e Arroios, 300.

Total 5.100 quilos para satisfazer 10.200 habitantes.

A venda faz-se somente ás terças-feiras, quintas e sábados. Amanhã serão abertos novos postos de venda de géneros. Nos dias mais próximos abrirá o publico a venda de carvão em sacas de 5 e 15 quilos ao preço de oito centavos cada quilo. A venda de todos os géneros nos armazéns e postos de venda é feita ao publico sem excepção, para quem quer que seja.

A panacea

Deve ser publicada por estes dias uma portaria nomeando a comissão que há de fixar o preço de venda do azeite, tanto para os produtores como para os armazénistas e retalhistas.

Pela certa que o preço do azeite vai dar mais um salto...

Aprensões de açúcar—Assambradores para o tribunal

O chefe da 2.ª repartição da fiscalização do ministério da agricultura, tendo conhecimento que pelo caminho de ferro e portas da cidade, saiam determinadas quantidades de açúcar, em pacotes, não para consumo próprio mas para vende-lo a 1\$50 e 2\$00 o quilo, mandou exercer uma fiscalização rigorosa, sendo apanhadas varias pessoas com pacotes de 10, 15 e 20 quilos, que foram apreendidos, e que se destinavam a Coimbra, Sintra, Tomar e outros pontos dos arredores e mais distantes da provincia.

Devem seguir para o tribunal os processos respeitantes á apreensão do açúcar, em que estão implicados Agostinho Alves Diniz, empregado na Internacjonal Mercantil Limitada; Jerónimo Rodrigues Villarinho e Ricardo, Augusto Dias Bastos, de Alenquer e João Manuel das Neves, de Santarém.

Ao sr. Malva do Vale Governador civil de Coimbra

Excellência:

Alguem da nossa inteira confiança nos assegura que vossa excellência declarou há dias, na presença de alguns operários que a policia prendera, certamente á sua ordem, que «A Batalha para se sustentar recebeu da Policia de Segurança do Estado mil e cem escudos».

Mais nos asseguram que com uns desses operários, José de Almeida, tivesse apelidado tal afirmação duma repellença colúmbica, contra a qual protestou indignadamente, vossa excellência manifestou-se na disposição de acompanhar o referido operário a Lisboa «para lhe apresentar as provas, isto é, a pessoa que de mão deu o dinheiro á Batalha», embora na mesma ocasião tivesse dito que se elle, José de Almeida, divulgasse o caso, seria preso á sua ordem».

Excellência:

Trata-se evidentemente duma accusação grave, tam grave que outra gente, que não a de A Batalha—que não tem por norma chamar entidades estranhas a resolver questões destas—levaria certamente o caso á barra dos tribunais. Não iremos nós tam longe. Limitamc-nos, excellência, em face da sua terminante afirmação—que foi ouvida também pelos operários Constantino Cabral, António Tavares, Danton de Carvalho, António Cardoso, Pedro da Assunção e Américo Velindro—limitamc-nos, imos dizendo, a convidar o sr. Malva do Vale, governador civil do distrito de Coimbra, a apresentar a prova da accusação que pela forma indicada fez á Batalha.

Excellência:

Há quatro dias que A BATALHA vem convidando, com a maior correção, vossa excellência a corroborar a afirmação que contra elle fez em Coimbra. Não provou, até agora, tal afirmação, nem a desmentiu. Julgamos ter-lhe dado tempo mais que sufficiente para se pronunciar. Todavia, como não queremos que nos acusem de precipitados nos nossos juizes, mais um dia lhe concedemos para se manifestar, offerecendo-lhe estas colunas para esse efeito.

Se, volvido este dia, vossa excellência — que não pode ignorar o nosso convite — se mantiver silencio, sabemos como havemos de considerá-lo.

A redacção de A BATALHA

PELA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

OS MANUFACTORES DE CALÇADO

O que pensa fazer a Federação do Calçado, Couros e Peles—A introdução da maquinaria na indústria do calçado

O que nos disse um militante daquela classe

Nas colunas deste jornal tem varias classes operárias, por intermédio dos seus militantes mais valorosos, exposto o estado actual da sua organização, o que de futuro pensam fazer e os problemas corporativos revestidos de maior interesse; essas entrevistas constituem um verdadeiro inquérito ao movimento operário, um inquérito interessantissimo que os nossos leitores tem posto ao par das inovações e progressos porque ultimamente tem passado os agrupamentos sindicais, mercê da persistência, da dedicação e do sacrificio daqueles proletrários que, conscientes da necessidade de emancipar a sociedade da tutela capitalista, pelos interesses não só das respectivas classes, mas ainda do movimento operário em geral, tem lutado com energia e entusiasmo. Ouvidas, pois, classes que muito se tem destacado pela sua combatividade e solida organização, entendemos o nosso inquérito áquellas q', embora publicamente menos ruidoso façam, com igual boa vontade tenham trabalhado para o bom nome da organização operária. Estão nestas circunstâncias, os manufactores de calçado. Não possuindo até há pouco uma organização federal, essa classe, juntamente com os operários dos couros e peles, saiu do seu congresso corporativo, realizado em Coimbra dias antes do Congresso Operário dar início aos seus trabalhos, com a sua federação que, apesar de não estar ainda completamente instalado, se tem entregado afincadamente ao estudo das questões que mais interessam aos milhares de operários atingidos pelo seu raio de acção.

Criatura autorizada para nos elucidar, era o operário manufactor de calçado Jerónimo de Sousa, militante sindicalista convicto e que, quer na tribuna, quer nos obscuros trabalhos de organização, tem empregado o melhor da sua vida, motivo este porque o procuramos no seu sindicato, depois de calcularmos as ruas lamacentas e cheias de bafueiro da Baixa, a custo conseguindo rasgar caminho entre uma infinidade de electricos, automóveis, trens e veículos de toda a especie que constantemente circulam nessa parte da cidade cheia de vida e trabalho, que nos separava da rua do Arco do Marquês do Alegrete, onde, num casarão enorme, sede de numerosos sindicatos, está instalado o dos operários Manufactores de Calçado de Lisboa.

—O que tem feito e pensa fazer a vossa Federação?—perguntámos a Jerónimo de Sousa.

—Depois do Congresso, o nosso primeiro cuidado foi fazer com que as associações cumpram e compreendam as suas resoluções; para isso, mandámos imprimir um relatório com todos os trabalhos ali discutidos, de forma que, quando os sindicatos tenham que aderir á Federação, saibam os deveres a cumprir. O conselho federal reuniu já duas vezes, elaborando uma lista dos trabalhos a realizar imediatamente, como seja o estudo das causas da carestia do calçado, que, em minha opinião, é resultante da ganância dos comerciantes de couros e peles, e da dos industriais, que nos últimos três anos tem feito boas fortunas.

—Mas então, ganha-se dinheiro com essa rapidez?

—Fazes lá ideia! Posso-te citar um exemplo: há um comerciante, muito conhecido na nossa praça, que tem a petulância de vender um par de botas por 26\$00, botas que foram feitas no Porto e que certamente, não lhe custaram mais de 13\$00.

—!!!...

—O caso desperta, realmente, a maior indignação, e os commerciantes, compreendendo isso, pensam, segundo nos consta, em desenvolver a maquinaria, a fim de atenuarem a carestia do calçado. No entanto, eu não creio na sinceridade desses cavalheiros, e passo a explicar a razão das minhas dúvidas. Em 1912, os manufactores de calçado de quasi todo o país fizeram um movimento de protesto contra a importação de calçado feito á máquina, pois isso prejudicava-os sobremaneira, vindo agravar a situação da classe, que nessa ocasião atravessava uma grave crise de trabalho. Felizmente, saímos bem daquela luta, obrigando a firma importadora a deixar o negócio; a história desse movimento não deixa de ser interessante, havendo detalhes curiosos como o caso dum caixeiro da casa em questão que, tendo-a abandonado por o patrão preferir o trabalho americano, é hoje um dos seus socios capitalistas e gerente. Já nessa altura se pensava em montar oficinas com máquinas, para os industriais se verem livres dos operários que lhes haviam encheido os cofres, o que não foi posto em pratica não sei porquê. Em 1917, fizemos outra greve, de que saímos igualmente victoriosos e de novo se falou nas máquinas, voltando a ameaçar-nos com elas — mas não entao claramente em 1918, durante uma greve que durou 36 dias. E essa ameaça parece que se vai transformar numa realidade, em vista duma circular que tenho aqui das emprezas mecánicas de calçado, em que se convida os industriais a adoptar os novos processos de fabrico.

—Mas vocês são contra a máquina?

—De forma alguma. Mas a verdade é que, se os intentos dessas emprezas beneficiarem o publico, fornecendo-lhe o calçado mais barato, deveriam principiar por desenvolver em primeiro lugar a industria de pelaria; de contrária, continuaria a fornecer-se no estrangeiro, fazendo despesas que não permitiriam qualquer barateamento.

Resumindo: A introdução das máquinas não se traduzirá num beneficio para o publico, desde que não seja acompanhada do desenvolvimento e aperfeiçoamento da pelaria nacional. Além disso, os manufactores de calçado manual querem defender os seus interesses, estando dispostos a impedir que a aprendizagem da máquina seja feita por indivíduos á profissão alheios, o que acarretaria prejuizos incalculáveis.

—Agora, que já falámos longamente sobre esta questão das máquinas, quanto apa xona a classe, não me podes dizer alguma cousa sobre os objectivos da Federação do Calçado, Couros e Peles?

—A Federação procurará impedir a baixa dos salários, melhorá-los, e bem assim diminuir e unificar as horas de

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Continuam afluindo a esta officina os alvitres de camaradas e amigos, todos eles áttimes a habilitarem A Batalha a fazer face ás últimas exigências da Companhia do Papel do Prado, exigências que, conforme temos dito nos laes que temos publicado sob o título A Batalha em perigo, são incompatíveis com os recursos deste jornal, que não vive, nem viverá uma vida de expedientes.

Não sabemos nós se será fácil, pósto em pratica qualquer de tais alvitres, criar uma receita que nos habilite a enfrentar aquela exigência da companhia papelreira, que, a partir de Janeiro, nos acarreta um aumento de despesa mensal de cerca de mil escudos. Ponderaremos o assunto até ao fim do corrente mês e então veremos a medida que as circunstâncias nos tiverem a tomar, na certeza de que tudo faremos no intuito de que A Batalha continue a defender, na imprensa, com a gallardia com que o tem feito até hoje, a classe operária, á qual nos honramos de pertencer.

Novos alvitres

Recebemos os seguintes novos alvitres, com as importâncias a que se referem:

Camarada redactor de A Batalha: —Entendo que ao chamamento, no brado, da redacção do nosso jornal fez todo o proletariado, para que salvasse A Batalha do perigo imminente em que se encontra, devido á ganância propiciada e criminosa da burguesia de todas as cores, e talvez com o fim de esmagar a imprensa operária, entendendo, como disse, qu' este magno assunto — pois é da vitalidade do jornal que se trata — deve ser tido na maior consideração por todos os trabalhadores conscientes, fazendo todos os sacrificios possíveis para que não seja estrangulada a nossa voz na imprensa.

Sobre o assunto 'O hoje em A Batalha' uma carta assinada pelo nosso camarada A. L. da Silva, na qual, entre considerações de ordem moral e material, que eu parti-

Imprensa Nacional

A Batalha e outros jornais de anteontem publicaram uma noticia, na qual se dizia que o sr. José Luis Coelho Sereno, empregado da Imprensa Nacional, tinha sido nomeado delegado á comissão encarregada de rever a legislação sobre inquilinato, como representante do pessoal da mesma Imprensa.

Essa noticia, segundo nos informam, foi uma surpresa para todo o pessoal da dita Imprensa, pois ninguém foi consultado a tal respeito e nestas circunstâncias faltaria idoneidade ao sr. Sereno para se apresentar como representante do pessoal da Imprensa Nacional.

Protestar, não vale a pena, pois que cada vez tudo isto está mais tórrido e abusivo.

A guerra em Marrocos

MEKINES, 8.—Os cavaleiros arabes e os spahis marroquinos de Guelmür, que deviam operar a sua ligação com os elementos de Mulay Baskad, foram fortemente atacados no Ued Belkadem por um importante contingente dissidente que os obrigou a tornarem a passar para a margem direita do Ued em Kiskisun.

As tropas não puderam regressar a Guelmür e tiveram que se dirigir para Mulay Suazza, perdendo 30 mortos (15 cavaleiros e 15 spahis) e 1 official morto. O posto de Guelmür ficou isolado.

EM ESPANHA

A crise politica

MADRID, 10.—Datao pela rei para consulta os partidos politicos antes de tomar qualquer resolução. O rei, com effeito, mandou logo chamar ao paço o conde de Romanones e o marquez de Alhucemas, a fim de lhes pedir a opinião sobre alguns pontos concretos que foram postos por Dato para accitar o poder.—H.

O crime de Serrases

Os reus são condenados a pesadas penas

S. PEDRO DO SUL, 11.—Depois da meia noite de ontem, quando os jurados apresentaram os quesitos, correu na sala do tribunal que a resposta dada dava lugar ao excesso de legitima defesa, pelo que os reus tinham recebido prisão correccional e atendendo á prisão já soffrida saíram soltos. Era esta a impressão da sala, pelo que diziam os advogados que assistiam ao julgamento.

Pois contra todas as expectativas o juiz lavrou a sentença, que condena o reu Fernando Novais em quatro anos de penitenciaría, seguidos de dez de degrado, e o reu Betencourt a sete anos de penitenciaría, seguidos de 12 de degrado e três contos de indemnização.—H.

Fraternidade dos pous...

WASHINGTON, 5.—Apesar de Jenkins ter sido posto em liberdade, o senador Fall informou o presidente Wilson de que na sua opinião, se devem cortar as relações com o México em consequência de outros actos do governo do general Carranza. Um telegrama do México confirma a libertação de Jenkins mediante o pagamento por parte das autoridades de uma caução de 500 dólares.—H.

A DEPORTAÇÃO DE OPERÁRIOS PARA MOÇAMBIQUE

A repulsa da classe operária

Nas sessões de protesto ontem realizadas, protesta-se veementemente contra a última violência do governo

Por um organismo operário, a secção da construção civil de Palma e Arrelores, foi distribuído um manifesto onde bem se traduz a indignação que reina entre a classe trabalhadora. É uma acusação formal e activa feita aos governantes com o maior desassombro, que não resistimos em reproduzir nestas colunas:

«Acaba o governo desta república democrática, presidida pelo não menos democrático Sr. Sá Cardoso, miserável estio de apanhadores, senhores e toda a repugnante cáfila detentora do capital, de cometer a mais inaceitável afronta que imaginar se pode, contra aqueles que no uso pleno de um direito natural, cometem o grande crime de pensar livremente. Acaba a república portuguesa, amassada com o sangue generoso dos trabalhadores, de rastrear-se indignamente às ordens de outra república despota e miserável, que, não obstante tudo dever à liberdade, não tem a coragem de se libertar de um tanto ou quanto criminoso emigrante, não lhe repugna hostilizar as ideias nobres e livres dos escravos do Capital.

Assim, camaradas, trabalhadores irmãos, aos actuais governantes que tanto se insurgiram, quando do reinado sidonista, contra a deportação dos seus satélites, não lhes repugna renovar o mesmo crime com a agravante dessa ordem ser ditada pelo estrangeiro. Aqueles trabalhadores conscientes, que na república brasileira proclamam com altivez o advento duma era de paz e liberdade, são por esses governantes expulsos como bolchevistas para os seus países. E aqueles que tem a infelicidade de terem nascido na região portuguesa, são pelos governantes seus compatriotas, que se jactam de... liberais, infamemente deportados para as inhospitas plagas africanas, o que constitui uma cruel afronta lançada à face da família proletária.

Trabalhadores: Chegou o tempo de unirmos fíleas. Se deixarmos passar sem o nosso mais activo protesto esse crime de lesa humanidade, preparai-vos para, como vossos, seguir o caminho daqueles nossos camaradas, e seremos, por consequência, criminosos, porque abandonamos às fúrias do banditismo indígena a sorte dos nossos filhos e das nossas companheiras».

No Sindicato Único da Indústria Móvel

Na sede deste organismo operário, efectuou-se ontem uma sessão, da série promovida pelo Grupo de Propaganda e Defesa Social.

Presidiu o camarada António de Oliveira, que, depois de dizer a assistência o fim daquella sessão, deu a palavra aos camaradas João Matias Lopes, delegado do S. U. I. Cristiano Lima, em nome das Juventudes Sindicatas; Victor Martins, pela U. S. O.; Manuel Francisco Roque, pelo Núcleo Juventude Sindicalista Central; António Marvão, Guilherme Antilheiro, José Gonçalves, Adriano Guerra e Alfredo Marques.

Todos os oradores censuraram o procedimento tirânico do governo do Sr. Sá Cardoso e apelaram para o bom senso dos operários para que quando a organização os chamem em seu auxílio, que corram todos à praça pública, dispostos a receber a guarda pretoriana ou quem quer que se lhes depare, pela frente, usando da violência contra a violência.

Não havendo mais oradores inscritos, usou da palavra o presidente da mesa, o camarada António de Oliveira, em nome do Grupo de Propaganda e Defesa Social, declarou que aquele grupo está disposto a auxiliar a U. S. O., tanto moral como materialmente.

Finda a sessão foi lida e aprovada a moção submetida pelo Grupo de Propaganda Social à sanção do operariado de Lisboa e já aprovada em várias sessões de protesto.

trabalho; opôr-se a toda a espécie de multas e descontos nos salários e a toda a responsabilidade por deterioração de instrumentos de trabalho ou prejuízos resultantes na mão de obra; actuar para a aplicação de quaisquer disposições de lei que de algum modo convenham aos interesses da corporação sob o ponto de vista industrial; proceder a todos os inquéritos, estatísticas e estudos convenientes ao perfeito conhecimento das condições da indústria e das necessidades da corporação, e prover a estas últimas pelos meios mais próprios e eficazes; organizar associações em todas as localidades onde não existam e núcleos cujo número seja insuficiente para constituir associações; prestar auxílio moral e material aos sindicatos aderentes ou aos indivíduos federados que dele careçam; manter relações nacionais e internacionais com as organizações suas congêneres e com as associações locais e sindicais; em geral, ocupar-se de todas as questões relativas a melhoria das condições de trabalho ou tendentes a elevar o nível intelectual dos federados e a estreitar os laços de solidariedade entre eles.

—E' esse, pois o vosso programa de realizações?

—Sim, mas além disso ainda pensamos na fundação dum Cofo de Solidariedade, cujos fundos serão constituídos por uma percentagem da cota federal, e na das Bolsas de Trabalho em todo o país, para obviar à deslocação intempestiva de grupos de manufatureiros de calçado de um ponto para outro. E' intenção nossa, fora da realização desse programa, promover o envio à província, nos princípios do próximo ano, duma missão de propaganda que estimule a actividade dos sindicatos existentes, compelindo-os a uma mais estreita colaboração com o organismo federativo, e organizar a classe nos pontos onde ainda não domina o espírito associativo.

As 8 horas de trabalho

Os gráficos e as 8 horas

Pela Federação do Livro e do Jornal foi distribuído um manifesto às classes gráficas, exortando-as a cumprir a lei das 8 horas. Dêse manifesto recortamos os seguintes períodos:

Presentemente, existe uma lei que torna extensiva a todas as classes a jornada de 8 horas e, mais tarde, começa a verificar-se que entre os gráficos alguns se prestam ao cumprimento de vários industriais que estão solidamente a lei e tem o seu objectivo de melhoria da vida e do trabalho.

Com a colaboração, ou antes, com a sanção daqueles que mais egoístas do que conscientes se prestam a servir tais intuídos, vamos nós, muito em breve, numa luta activa para reivindicarmos de novo o que há quatro anos já conquistámos: a jornada de 8 horas!

Tal como pode ser! Os gráficos não devem consentir ser-lhes indigado da consciência colectiva, e se retrocesso, seria a desonra!

Os gráficos conscientes, todos aqueles que na luta sindical tem empregado o seu esforço na defesa da causa comum, tem o dever moral de dar o sinal de alerta, que é a prevenção do perigo. E' o que fazemos!

Todos nós, aqueles que sentem bem o peso da luta sindical e que amamos por um futuro melhor, mais moral e mais justo, temos um dever sagrado a cumprir: tocar a campainha, e demonstrar aqueles que estão trancados a sua própria causa, a luta sindical, e a outra metade em benefício dos estabelecimentos de caridade, mediante entrega no governo civil respectivo.

Art. 2.º Todos os comerciantes são obrigados a desobrigar a outros estabelecimentos de caridade, mediante entrega no governo civil respectivo.

Art. 3.º Todos os estabelecimentos de caridade, dentro de seis dias nas estações de caminho de ferro de Lisboa e Porto, e dentro de quatro dias nas restantes.

Art. 4.º Decorridos estes prazos consideram-se os estabelecimentos de caridade, e serão, dentro de oito dias, vendidos com licitação pública, sem base e pelo maior lance obtido, revertendo o produto da venda em benefício de casas de caridade nos termos do 2.º do artigo 1.º

Segundo O Seculo da noite deontem, este projecto, ao ser discutido na câmara dos deputados, vai ser alterado pelo governo, que lhe introduzirá disposições ainda mais rigorosas, colocando delinquentes na lei dos vadios. O governo não tem grande esperança nos efeitos e praticos desse rigor,

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

PELA POLÍTICA

Os lobos humanizam-se. Basicamente, um dos mais justos princípios da política é a defesa dos direitos dos cidadãos. Mas é uma verdade que toda a posse do poder significa uma perda sensível de um progresso integral. Bourgeois não apela ao seu direito de votar um pouco o apelar a Millerand e Jaurès se fossem «ministérios». Os lobos tornam-se excelentes pastores, que se não lhes dá a oportunidade de coardear todos os dias. — *Le Figaro*, Paris, Março 1886.

No palco parlamentar

Há muito a dizer — diz o ministro — mas nas nossas casas não o temos

O sr. deputado Tavares de Carvalho disse, pelos jornais e por informações particulares, sabe que há actualmente muito a dizer no país. Na refinação da casa Hornung não se refina já, por não haver armazens onde armazenar o açúcar refinado. Porque não se põe a venda?

Estão chegando ramos suficientes, segundo o informam. Devem estar ser distribuídos em rateio pelos refinados, não se consentindo que as entidades estranhas e sem refinações façam despagar.

Não se pode deixar livre o comércio do açúcar.

A situação cambial, os enormes direitos, levam o açúcar estrangeiro a não poder concorrer com o açúcar das colónias.

A completa liberdade do comércio dava imediatamente uma grande subida de preços.

Os benefícios que gosam os açúcares coloniais, como sejam: os bonus de 50 0/0 nos direitos; o benefício nos fretes em vapores portugueses, o não pagamento dos 50 0/0 em ouro nos direitos; o agravamento cambial, — eram aproveitados pelos produtores coloniais, e o açúcar colonial subia à medida que subisse o estrangeiro.

Não deve consentir-se a liberdade de comércio, mas deve permitir-se o comércio livre no país, continuando sob o regime das tabelas, tendo a fiscalização o encargo de impedir que seja vendido mais caro.

Informam-nos também que os refinadores manuais submeteram à apreciação do ministro da agricultura umas bases para se conseguir o abastecimento do país.

Pede ao ministro da agricultura para informar a câmara e o país das medidas que vai adoptar; se há ramos; se tomou providências para haver ramos; quando é posto à venda o açúcar branco que a casa Hornung tem depositado nos seus enormes armazéns?

Respondendo-lhe o ministro da agricultura há há açúcar suficiente para o país. Leu à câmara os números que se referem à distribuição desse género pelo país à capital num total de quilo 1.803.427, desde 4 de Novembro a 9 do corrente, sendo enviados às câmaras da província, desde 16 de Novembro a 9 de Dezembro 998.325. Em Lisboa tem sido distribuídas 558.250 rações, à razão cada uma de 30 grammas. Espera até sábado que sejam distribuídas 2.500.000 rações à razão de 500 grammas. Sallenta que as dificuldades de transporte é que tem ocasionado a escassez na província. Esclarece que acabou com as guias de trânsito, pois à sombra delas se faziam grandes combalchos, sendo substituídas pela própria guia dos caminhos de ferro.

Arroz à Valenciana

Depois do arroz cozido do sr. Camacho, tivemos o arroz doce do sr. ministro dos estrangeiros, seguindo-se a este o arroz frito do sr. Júlio Martins e o requentado do sr. José de Almeida.

Há quem anuncie para hoje arroz queimado. Mas quer-nos parecer que já lhe entrou o bispo e terá de ser tirado da mesa por não haver já quem lhe pegue.

Tanto abusaram dele que já até causou indigestão.

E para que mexer-lhe mais? A gente já vive mal!

Nos bastidores

Poeira nos olhos...

Foi apresentado e aprovado no Senado, sendo ontem transitado para a câmara dos deputados, um projecto de lei tendente a evitar o assombamento de gêneros alimentícios e a punir os autores desse acto verdadeiramente delituoso.

Esse projecto é do teor seguinte:

Artigo 1.º Os gêneros estragados, deteriorados, e os apanhadores ou escondidos, serão imediatamente apreendidos e o seu possuidor pagará uma multa correspondente ao quintuplo do preço pelo qual esses gêneros estejam a ser vendidos no mercado.

Art. 2.º Os gêneros estragados ou deteriorados serão imediatamente inutilizados, e os apanhadores ou escondidos para evitar a venda terão o destino que o cidadão de direito do artigo 2.º

Art. 3.º O agente aprensor ou o cidadão que denunciar a existência dos gêneros nas condições deste artigo receberá metade da multa, ficando a outra metade em benefício dos estabelecimentos de caridade, mediante entrega no governo civil respectivo.

Art. 4.º Todos os comerciantes são obrigados a desobrigar a outros estabelecimentos de caridade, mediante entrega no governo civil respectivo.

Art. 5.º Todos os estabelecimentos de caridade, dentro de seis dias nas estações de caminho de ferro de Lisboa e Porto, e dentro de quatro dias nas restantes.

Art. 6.º Decorridos estes prazos consideram-se os estabelecimentos de caridade, e serão, dentro de oito dias, vendidos com licitação pública, sem base e pelo maior lance obtido, revertendo o produto da venda em benefício de casas de caridade nos termos do 2.º do artigo 1.º

Segundo O Seculo da noite deontem, este projecto, ao ser discutido na câmara dos deputados, vai ser alterado pelo governo, que lhe introduzirá disposições ainda mais rigorosas, colocando delinquentes na lei dos vadios. O governo não tem grande esperança nos efeitos e praticos desse rigor,

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Theatro São Luiz

A celebre revista O Pé de mole Com o novo acto e Rocio Desde as eras mais obscuras, O Rocio, em várias datas, Foi o foco de aventuras, Fogueiros e zangagens. D'esse heroico quadrilheiro Quem infatigavelmente não leia, Va ver a historia ao theatro, Na revista O Pé de mole

As greves

Pessoal da Companhia Higien, L.da

A comissão da U. S. O. que anda tratando do movimento grevista do pessoal da Companhia Higien L.da, procurou ontem o representante da firma, sr. J. A. dos Santos, a fim de deliciar a solução do conflito determinado pelo motivo de ter retirado ao seu pessoal uma regalia que já tinha.

Aquele senhor, respondeu à comissão que o entrevistou não podia aceder à reclamação do pessoal, reconhecendo a mesma comissão haver má-vontade por parte do mesmo industrial em resolver a questão, que não é proveniente de pedido de aumento de salário, mas de manter o existente.

A comissão deu conta dos seus trabalhos aos grevistas, a que resolveram não retomar o trabalho sem que lhes seja feita justiça, tendo deliberado a comissão não mais procurar aquele senhor, uma vez que não foi possível de movê-lo do propósito de retirar ao pessoal 140 réis nos seus jornais, isto na altura em que a vida se torna um martírio para todos os que trabalham. Não há, de resto, razão plausível para lhe ser retirada aquela importância, visto que no ano anterior a firma referida teve um lucro líquido de 40.000.000. Resolvet mais o pessoal continuar em reatino permanente, na sede da U. S. O.

Confeiteiros e pasteleiros

Reúne em assembleia magna esta classe, para assim apreciar a sua situação perante a atitude tomada pelos industriais. Usaram da palavra diversos camaradas, entre eles o camarada José dos Santos, delegado da U. S. O., que se encontra junto desta classe até completa solução do conflito, que fez ver os benefícios que tráz às classes trabalhadoras o regime das 8 horas.

Chegando a comissão às 18,30 horas, expôs à assembleia a proposta dos industriais, com a qual a classe parece estar de acordo.

Por este motivo, está a caminho de uma solução honrosa para as duas partes em litígio este conflito. Em seguida, foi suspensa a sessão às 20,30 horas, para continuar hoje às 13, sendo erguidas vivas à classe dos confeiteiros, à U. S. O., à C. G. T. e à Batalha.

Profissionais Culinários

Não só os governantes não fazem respeitar a lei das 8 horas, demonstrando assim a inutilidade legislativa, como ainda protegem os proprietários de Hotéis e Restaurantes, o que poderá levar ao despêrto duma classe que, infamemente explorada, agora deserta. A inequívoca e de que os grevistas se encontram possuídos, é a prova suficiente da sua firme decisão.

Ontem, voltou a reunir a assembleia magna, presidindo um delegado do Sindicato Unico Móvel, que em nome desse organismo saudou os grevistas, afirmando-lhes todo o seu apoio. Um delegado dos Inscritos Marítimos, que fez uso da palavra, estigmatizou o procedimento patronal, dando todo o apoio moral em nome do sindicato que representava.

Em seguida, fez uso da palavra o delegado da U. S. O., que largamente historiou a acção desenvolvida pela organização operária e a luta travada em prol da emancipação social, demonstrando a imperiosa necessidade de os culinários se solidarisarem com os movimentos gerais, nivelando a sua acção à do restante operariado.

Fizeram ainda uso da palavra vários camaradas, seguindo na mesma ordem de ideias. Foi largamente exprobado o procedimento infame da policia 1:193, que, depois de arbitrariamente prender o camarada António Ribas, selvaticamente o agrediu na esquadra, manifestando assim a sua heroicidade perante uma creatura indefeza.

Era já tempo dos mantenedores da ordem se mostrarem mais racionais perante aqueles que são o sustentáculo da sua ociosidade; ou estará este esbribo subornado por algum patrão?

Não pela esta Associação em luta para o comandante da policia, limitando-se apenas a registá-lo, dado o pouco respeito das liberdades individuais.

Foi no final da referida sessão aprovada uma moção para que sejam pagas pelo Sindicato todas as despesas feitas com os presos do movimento.

A sessão foi encerrada aos vivas à greve geral, à Batalha, à U. S. O. à C. G. T., etc.

Hoje volta a reunir às 16 horas, com a presença dos dois delegados da U. S. O.

António Estêves Saraiva, de 42 anos, cosinheiro da sucursal do café Tavares, conhecida pelo «Tavares Pobre» na rua do Mundo, e residente na calçada de Santa Ana, 144, 2.º, esquerdo, não aderiu à greve dos cosinheiros, atrelando assim os interesses da sua classe. Quando ontem à noite o Saraiva seguiu para casa, ao entrar na calçada de Santa Ana, foi assaltado por um grupo de uns sete grevistas, que o agrediram à pedrada e à cacetada, deixando-o muito ferido na cabeça e cara. Conduzido ao Hospital de S. José, foi ali pensado no Rancho, seguindo depois para casa, visto recusar-se a ficar hospitalizado. Os agressores evadiram-se.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

Calca de Penões do Arsenal da Marinha — Reúne hoje, pelas 17 e meia, a assembleia geral desta instituição para eleição dos corpos gerentes para 1920.

mas com as suas propostas que e apenas mostrar ao país que não tem nem quer qualquer aliança com os apanhadores.

Poi senhores ministros: Se v.ª ex.ª não tem esperanças nos efeitos do projecto, nós muito menos.

Com que então é para deitar poeira nos olhos do publico, hein? Já cá se sabia.

O conflito das classes marítimas

Comunicado do Comité Central

Ontem mesmo respondemos em carta às redacções do *Diário de Notícias* e *Seculo*, desmentindo formalmente as suas locais sobre o nosso movimento, e que, como é costume na imprensa burguesa, veem deturpar as verdadeiras razões que para eles nos impeliram. Chamamos a atenção, das classes marítimas para as mesmas locais e em especial para a do *Seculo*, onde o commandante Vidal aprazia o caso como entende, mas a quem refutamos com a devida argumentação, cheios da razão que nos assiste.

Igualmente chamamos a sua atenção para um anúncio do *Noticias* de ontem em que a capitania do porto de Lisboa convida os marítimos a desempenharem as funções de fogueiros, chegadores, marinheiros, moços e criados, e a inscre